



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E PRÁTICAS SOCIAIS**

JOSÉ SEBASTIÃO DE FARIAS

**A IMAGEM DO SUJEITO HOMOSSEXUAL NA IMPRENSA DOS ANOS 1970-1980:
O CASO LAMPIÃO DA ESQUINA**

**ARAPIRACA, AL
2025**

JOSÉ SEBASTIÃO DE FARIAS

A IMAGEM DO SUJEITO HOMOSSEXUAL NA IMPRENSA DOS ANOS 1970-1980: O
CASO LAMPIÃO DA ESQUINA

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação Linguagem e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca como requisito total a obtenção do grau de Especialista em Linguagem e Práticas Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Aguiario Pimentel Silva

ARAPIRACA, AL
2025



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Arapiraca

401.41

F224a

Farias, José Sebastião de.

A imagem do sujeito homossexual na imprensa dos anos 1970-1980: o caso Lampião da esquina / José Sebastião de Farias. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 905 kB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Prof^o. Dr^o. Aguimario Pimentel Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como artigo científico, (especialização, Pós-graduação em Linguagens e Práticas Sociais) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2025.

1. Análise do discurso. 2. Sujeito homossexual. 3. Imprensa gay. 4. Lampião da esquina. I. Título.

JOSÉ SEBASTIÃO DE FARIAS

A IMAGEM DO SUJEITO HOMOSSEXUAL NA IMPRENSA DOS ANOS 1970-1980: O
CASO LAMPIÃO DA ESQUINA

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação Linguagem e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca* como requisito total a obtenção do grau de Especialista em Linguagem e Práticas Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Aguimario Pimentel Silva

Aprovado(a) em: 05 / 06 / 2020.

AVALIADOR (A)

Prof. Dr. Aguimario Pimentel Silva.
Instituto Federal de Alagoas

**A IMAGEM DO SUJEITO HOMOSSEXUAL NA IMPRENSA DOS ANOS 1970-1980:
O CASO LAMPIÃO DA ESQUINA**

**THE IMAGE OF THE HOMOSEXUAL SUBJECT IN THE PRESS ON THE
1970S-1980S: THE LAMPIÃO DA EQUINA CASE**

José Sebastião de Farias¹

RESUMO

O trabalho objetiva analisar a imagem do sujeito homossexual na imprensa *gay* brasileira, a partir do jornal *Lampião da Esquina*, que circulou de 1978 a 1981. O estudo, filiado à Análise do Discurso francesa, adota o pensamento de autores como Pêcheux (2008, 2014, 2015), Orlandi (2012), Trevisan (2004), entre outros. Procuram-se compreender os papéis impostos ao homossexual pela sociedade da época, marcada pela heteronormatividade, pela repressão e por discursos autoritários. O *Lampião* atuou como um “contradiscurso”, utilizando elementos que denunciavam as condições do período. Assim, buscou retirar o *gay* dos espaços marginalizados, ressignificando discursos e propondo novos sentidos.

Palavras-chave: sujeito homossexual, análise do discurso, imprensa *gay*, *Lampião da Esquina*.

ABSTRACT

The work aims to analyze the image of homosexual subject in the Brazilian gay press, from the newspaper *Lampião da Esquina*, which circulated from 1978 to 1981. The study, affiliated with French Discourse Analysis, adopts the thinking of authors like Pêcheux (2008, 2014, 2015), Orlandi (2012), Trevisan (2004), among others. We seek to understand the roles imposed on homosexuals by the society, marked by heteronormativity, repression and authoritarian discourses. *Lampião* acted as a “counterdiscourse”, using elements that denounced the conditions of period. Thus, it sought to remove gays from marginalized spaces, giving new meaning to discourses and proposing new meanings.

Keywords: homosexual subject, discourse analysis, gay press, *Lampião da Esquina*.

Data de submissão: 23/04/2020.

Data de aprovação: 05/06/2020.

¹Especialista em Psicopedagogia clínica e institucional pela Unit Macéio.
E-mail: j.sebastiao_pedagogia_edc@outlook.com.

1 INTRODUÇÃO

Em abril de 1978, no Rio de Janeiro, circulou a primeira edição – denominada experimental – do jornal *Lampião da Esquina*. Como veículo de uma imprensa alternativa, o periódico circulou até o ano de 1981, construindo uma crítica às formas de censura instituídas a partir do golpe militar de 1964. Em sua existência, o jornal totalizou 38 edições². No dizer de Amaral (2012, p. 1078), o periódico “[...] teve como intenção tirar os gays do gueto (bares, saunas eboates) e estimular a participação dos homossexuais no meio social”.

É importante destacar que o *Lampião da Esquina* não foi a primeira publicação voltada para o público homossexual no Brasil. Entre 1963 e 1969, por exemplo, circulou *O Snob*, um “boletim mimeografado, com colunas de fofoca e figuras de homens vestidos de mulher” (Green, 2000a, p. 281). Amaral (2013) constrói uma reflexão sobre tal modelo de imprensa, bem como sobre o que se deu para o seu surgimento:

A história da imprensa homoerótica brasileira não é única, tão pouco [sic] contínua, várias referências e interferências atravessam os modos de produção e representação dessa qualidade de imprensa no Brasil, que foram de cunho econômico, social e cultural. O entendimento da homossexualidade e os modos de comunicação se tornaram condições para as produções dessa vertente de imprensa. (Amaral, 2013, p. 1).

Green (2000a, p. 273) destaca que o surgimento do *Lampião* esteve ligado às manifestações contrárias à ditadura. Tal fato impulsionou um movimento de características amplas, formado a partir de diversos grupos: “Negros, mulheres e até mesmos homossexuais começam a se organizar, exigindo ser ouvidos”. Sobre o periódico, o mesmo autor enfatiza:

Este novo jornal, de tamanho tablóide, era produzido por um grupo de escritores intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, e se declarava um veículo para discussão de sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, e machismo. (Green, 2000a, p. 273).

A discriminação a que se refere o autor está ligada à censura que era característica do regime militar, em sua época mais “branda”. Nesse sentido, o jornal pretendia expor, através de suas edições, determinados discursos naturalizados e determinadas formas de silenciamento que a partir deles se instalavam (Green, 2000b). Por meio da reprodução desses discursos, as instituições assumiam o poder de “[...] controlar qualquer manifestação pública de comportamento homo-erótico ou homo-social”, e “[...] a polícia e os juízes podiam punir ações ‘inapropriadas’ ou ‘indecentes’ que não se conformassem com construções heterocêntricas” (Green, 2000a, p. 277). Havia, pois, um quadro de intolerância instalado: a homossexualidade era uma prática negativa aos olhos da

²A produção do conteúdo e a organização das edições ficavam a cargo do conselho editorial do jornal e de alguns convidados. O conselho editorial, conforme a informação do próprio jornal, contava com nomes como Aginaldo Silva (editor), Antônio Crysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

sociedade. No dizer de Trevisan (2000, p. 22), “[...] a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade”. Essa prática homossexual, apresentada como “perigo” às demais pessoas, “[...] acabou se tornando [...] caso de polícia, ainda que não seja proibida por lei”. No dizer de Green (2000b), isso se dava em decorrência da existência de um estereótipo que identificava a homossexualidade com a presença de traços efeminados, conforme a lógica heteronormativa dominante.

Nesse sentido, o autor, comentando o ambiente sociocultural do período, faz uma reflexão sobre algumas medidas legais que

[...] deram à polícia o poder de encarcerar arbitrariamente os homossexuais que expressassem publicamente sua feminilidade, usassem roupas ou maquiagem feminina, ganhassem a vida através de prostituição, ou que usassem cantinho escuro de uma praça pública para um encontro sexual noturno. (Green, 2000a, p. 277).

O desenvolvimento de uma imprensa voltada para o público homossexual, como uma forma de imprensa alternativa, buscava, portanto, dar voz a essa população. Assim, é necessário investigar o imaginário social atrelado à figura do homossexual que se constituiu para a sociedade dos anos 1970-1980. Como os grupos homossexuais eram, de modo geral, enxergados? Como esses grupos buscavam expor e combater as formas de preconceito/discriminações referentes àqueles(as) que mantinham relações com pessoas do mesmo sexo?

Linguagem e discurso: discutindo o imaginário

Considerando o surgimento da imprensa alternativa em uma época de resistência a discursos de cunho discriminatório, de preconceito e de exclusão, tomamos como base para este estudo a Análise do Discurso (AD) de orientação francesa, iniciada por Michel Pêcheux. Com a Análise do Discurso, buscamos compreender como eram estabelecidos os papéis e as funções sociais (heteronormativas) impostas pela sociedade da época em que circulou o *Lampião da Esquina*, fortemente marcada pela repressão e por discursos autoritários.

Orlandi (2012) nos traz a reflexão sobre o discurso como “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (Orlandi, 2012, p. 15). Assim, trata-se de observar o discurso enquanto um efeito de sentido que é produzido nas situações sociais de uso da linguagem, conforme Pêcheux (2014). Em nosso trabalho com o *Lampião da Esquina*, “[...] procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2012, p. 15).

Conforme Pêcheux (2014), o que funciona nos processos de produção dos discursos são formações imaginárias. Tais imagens podem representar os lugares ocupados pelos sujeitos no interior da estrutura social. Sobre o imaginário, Orlandi (2012) afirma que ele

[...] faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. (Orlandi, 2012, p. 42).

Tomemos o texto “Saindo do gueto”, publicado na edição número zero do jornal, que nos servirá para a análise dos principais objetivos do periódico em seus primeiros tempos. Na tentativa de tornar públicas a opressão e a perseguição à população homossexual, os redatores do *Lampião* questionavam-se: “Mas um jornal homossexual, para quê?” (Saindo..., 1978, p. 2). Compreendemos que o periódico funcionou como um espaço de promoção de visibilidade para os grupos *gays*, uma vez que pôde expor questões de interesse dessa parcela da população, bem como dar apoio às identidades homossexuais e levá-las, conseqüentemente, a “saírem do gueto”.

O jornal *Lampião da Esquina* justificava sua existência, também, em razão da omissão dessas questões por parte da imprensa não alternativa, ou seja, a imprensa comum, que não expressava os anseios da população homossexual da época. Nesse sentido, o periódico nos traz o que chama de resposta:

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em conseqüência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. (Saindo..., 1978, p. 2).

Verificamos, no jornal, em algumas de suas edições, como era visto o sujeito homossexual na época em questão, bem como qual era a relação social entre esse sujeito e a população em geral. O objetivo do jornal era destruir a imagem-padrão que havia do homossexual, na época, e lembrar a sociedade de que existia uma minoria oprimida, excluída pelo fato de não seguir os “bons costumes” e a lógica da reprodutividade, baseada em modelos heteronormativos. Um casal homossexual, por não reproduzir, era perseguido com base em um discurso religioso segundo o qual Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem, numa “sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã” (Saindo..., 1978, p. 2). Portanto, para quebrar a influência desse discurso religioso, seria necessário romper o silêncio. Nesse quadro, *Lampião* surge como um espaço de veiculação de informações:

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende soluçar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. (Saindo..., 1978, p. 2)

O jornal *Lampião da Esquina*, em sua edição intitulada como “zero”, traz uma série de reflexões sobre “sair do gueto” e sobre o que é necessário para que isso ocorra, expondo inquietações e reivindicando, em nome da minoria homossexual, a possibilidade de se assumir e de ser aceita. Assim, o periódico dá voz a essa minoria. Sobre a afirmação de uma identidade homossexual como “condição” e da negligência dos direitos como pessoa e cidadã, Simões e Facchini (2009, p. 33) trazem-nos a seguinte reflexão:

O sentido político e estratégico dessas afirmações da identidade sexual como “condição” fica evidente diante das inúmeras situações cotidianas de intolerância, injustiça, discriminação e violência vividas por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, para não falar das tentativas espúrias de promover sua “cura” ou sua “reabilitação”.

Frente a condição imposta por uma sociedade machista, o jornal assume um tom didático ao esclarecer aspectos da experiência homossexual, quebrando o silêncio. Ao fazê-lo, produz um efeito de sentido que remete à igualdade, reivindicando a garantia do direito de se expressar, de se realizar profissionalmente e afetivamente. *Lampião* afirma:

A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo ao sistema – do qual se tornam apenas “bobos da corte” – declaram-se, por ledor engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades; o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas **se assumir e ser aceito** – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. (Saindo..., 1978, p. 2, grifo do autor).

Nesse sentido, *Lampião* apresenta uma reflexão sobre a imagem do homossexual, enfatizando que

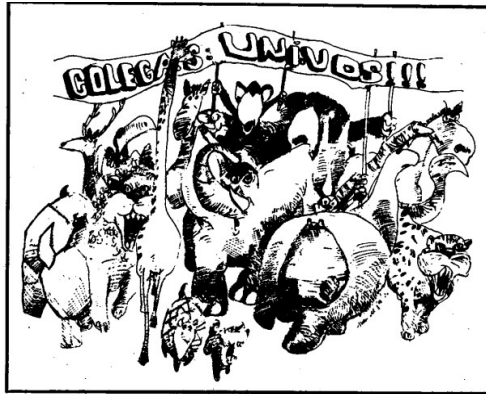
[...] o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais, que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem; que ele não é um eleito nem um maldito; e que sua preferência sexual deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter, LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. (Saindo..., 1978, p. 2).

As imagens do *Lampião*

A seguir analisamos algumas imagens selecionadas do *Lampião da Esquina*. Foram tomadas, dentre as edições do periódico, sete materialidades que compõem o *corpus* do trabalho. Buscamos compreender de que forma elas foram utilizadas para o alcance do principal objetivo proposto pelo periódico, isto é, a desconstrução/reconstrução de uma determinada imagem do sujeito homossexual.

Figura 1 – Imagem publicada na edição número zero do jornal *Lampião da Esquina* (1978).

**Lontras,
piranhas,
ratos,
veados e
gorilas,
atenção:**



vocês também têm direitos (A ONU decidiu)

Fonte: Portal do Grupo Dignidade³

Na imagem acima, podemos identificar o uso da polissemia que caracteriza a palavra “veado” como um recurso para a criação de um determinado efeito de sentido. Ao mobilizar a palavra – usualmente utilizada para se referir, de forma pejorativa, ao homossexual masculino –, o jornal procura mostrar que as pessoas homossexuais também precisam ocupar espaços de direito no convívio social, lutando pela garantia do respeito enquanto cidadãs.

O *Lampião da Esquina* pretendia reafirmar a “condição humana” do homossexual. Para tanto, retomava certos discursos pejorativos próprios da época, no intuito de propor a sua resignificação. Assim, a figura do “veado” – indivíduo agressor dos bons costumes – é tomada, metaforicamente, com a finalidade de subverter esse discurso e defender uma postura diversa.

Além disso, o enunciado “colegas: uni-vos!!!”, presente na imagem, remete à conhecida frase de Karl Marx e Friedrich Engels, no *Manifesto Comunista de 1848*: “Proletários de todos os países, uni-vos” (Marx; Engels, 2005, p. 69). A frase é um grande marco do protesto socialista e faz referência à realidade do proletariado, destacando os interesses da classe operária e os conflitos entre dominados e dominadores. O *Lampião*, por meio dessa imagem, faz uma retomada da memória discursiva da resistência socialista (Pêcheux, 2015), deslocando-a para o terreno da luta relativa à discriminação e ao preconceito social. Como defende Pêcheux (2008, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Assim, o jornal apropria-se do discurso de resistência, encaminhando a produção de um novo sentido.

³Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>.

Figura 02 – Imagem publicada na edição Extra 1 do jornal *Lampião da Esquina* (1979).



Fonte: Portal do Grupo Dignidade⁴

A análise da charge acima permite a observação de que é construída, na materialidade da imagem, uma referência à passagem bíblica da arca de Noé. Na produção, o chargista busca retomar o discurso bíblico para produzir um efeito de mudança de sentido, inserindo, na imagem, a figura do que seria um casal homossexual. Mostra-se, então, por meio do recurso gráfico, uma forma de resistência ao discurso religioso e, conseqüentemente, aos sentidos que esse discurso atribui às relações possíveis entre os sexos.

Segundo o discurso bíblico, a arca foi construída por Noé para abrigar os animais um casal de cada espécie, para que enfrentassem a passagem de um dilúvio mandado por Deus, com o objetivo de que, após o dilúvio, essas espécies pudessem se reproduzir. Observa-se, portanto, o objetivo do chargista de utilizar o discurso religioso para tentar expressar os direitos das pessoas homossexuais de serem incluídas, na sociedade, como cidadãos. Nesse sentido, a substituição de um casal de animais por dois homens de mãos dadas, nus, caminhando em direção à arca, procura desconstruir os princípios da reprodutividade e da heteronormatividade que davam suporte ao imaginário social da época e tornavam os gêneros culturalmente inteligíveis.

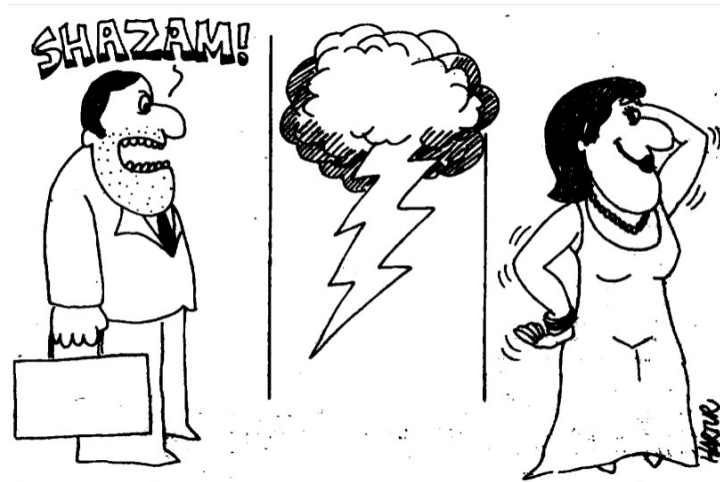
De acordo com Butler (2003, p. 38), gêneros inteligíveis são aqueles que “[...] instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”. Assim, a autora aponta que há uma relação entre o sistema de heterossexualidade compulsória e as categorias discursivas, referindo-se à identidade de gênero como o efeito de uma prática reguladora. Sobre a compreensão das razões políticas da visão do gênero como substância, Butler (2003, p. 45-46) convida a observar que

[...] a instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo.

⁴Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>.

A charge analisada, então, configura uma crítica ao discurso religioso, uma vez que retoma a narrativa bíblica da história de Noé para promover um deslocamento de sentidos. A imagem subverte o significado mítico da arca, fazendo uma oposição aberta e declarada aos saberes de uma formação discursiva cristã, pelo recurso a outro conjunto de saberes que funcionam, em relação a ela, de forma antagônica.

Figura 03 – Imagem publicada na edição Extra 1 do jornal *Lampião da Esquina* (1979).



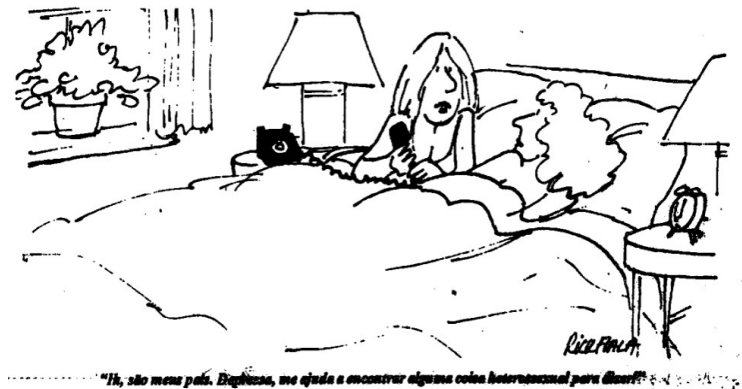
Fonte: Portal do Grupo Dignidade⁵

Ao analisarmos a charge (figura 03), notamos que o chargista, mais uma vez, opera a retomada de um enunciado e o desloca para promover um novo efeito de sentido. Quando observamos a figura masculina, aparentemente no seu cotidiano, com paletó e gravata, bem como a figura feminina apresentada na sequência, podemos perceber que se trata da mesma pessoa. O efeito que a charge produz é encaminhado pelo uso da palavra Shazam!⁶ (tomada do universo dos super-heróis), que promove um deslocamento de sentidos ao remeter à transformação/mudança de expressão de gênero do sujeito representado: por um efeito fantástico, o sujeito é capaz de alterar a sua *performance* de gênero. Com isso, o *Lampião da Esquina* procura, por meio do recurso ao cômico, refletir uma difundida imagem do homossexual no período, “segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite” (Saindo..., 1978, p. 2). Assim, notamos o propósito comunicativo do chargista ao substituir o herói, com todas as suas habilidades e poderes, por uma figura masculina no seu cotidiano, que passa por uma transformação para o feminino ao “pronunciar” a palavra “Shazam”! Trata-se, portanto, de uma forma de resistência ao discurso da repressão e da discriminação em relação às possibilidades de expressão do gênero.

⁵Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>.

⁶A palavra SHAZAM! é uma referência ao personagem Billy Batson, que precisa pronunciar a palavra para se transformar em um super-herói. Segundo o site de anime *Ei nerd!*, a palavra origina-se de um acrônimo – junção de letras baseada em outras palavras: S de Salomão (sabedoria), H de Hércules (força física), A de Atlas (resistência e invulnerabilidade), Z de Zeus (magia), A de Aquiles (coragem) e M de Mercúrio (velocidade e habilidade de voar) (Ikeda, 2019).

Figura 04 – Imagem publicada na edição Extra 2 do jornal *Lampião da Esquina* (1979).



Fonte: Portal do Grupo Dignidade⁷

Inicialmente, ao observarmos a charge (figura 04), identificamos duas moças deitadas em uma cama. Uma delas, ao atender ao telefone, preocupa-se com o que dizer aos pais, preocupação expressa pelo enunciado “Ih, são meus pais. Depressa, me ajuda a encontrar alguma coisa heterossexual para dizer!”. É possível entender que se trata de um casal que vive um relacionamento escondido dos pais e, conseqüentemente, da sociedade. A leitura da imagem evidencia, de certa forma, a imagem-padrão construída, à época, no que diz respeito às expressões de gênero e às formas legitimadas para os relacionamentos amorosos.

Assim, o jornal pretendia expor aquilo que seria o comportamento esperado dos sujeitos da época. “Alguma coisa heterossexual para dizer” remete o leitor aos discursos que eram aceitos, considerados legítimos. “Dizer alguma coisa homossexual”, no entanto, numa inversão dos sentidos, seria assumir o lugar da marginalização e do discurso não hegemônico. Assim, o chargista apropria-se dessa lógica de exclusão na construção do material imagético, ao mesmo tempo em que opera deslocamentos de sentido, numa ação de resistência aos discursos hegemônicos que procuravam erradicar toda forma de expressão homoafetiva, uma vez que essa prática era reconhecida como transgressora da moral e dos bons costumes.

Figura 05 – Imagem publicada na edição número 3 do jornal *Lampião da Esquina* (1980).



Fonte: Portal do Grupo Dignidade⁸

⁷Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>.

⁸Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>.

Na imagem acima, duas mulheres observam dois homens: um deles arrasta o outro ao puxá-lo pelo cabelo. O ambiente da imagem remete ao período pré-histórico, o período do “homem das cavernas”. Uma das mulheres comenta: “Homem com homem! Me diga uma coisa, querida: onde é que esse mundo vai parar?”. Há, na imagem, a utilização de um exagero que é característico do gênero charge: o jornal, através disso, tenta subverter um modelo de casal baseado na heteronormatividade (homem e mulher), na tentativa de evidenciar que a prática homoafetiva existe desde a época pré-histórica, assim como, paralelamente, o preconceito e a discriminação que a acompanham.

Há a retomada de uma memória construída sobre o período pré-histórico, e o efeito de sentido aí articulado tem a ver com o entendimento de que o preconceito já existia desde essa época. Além disso, ao fazê-lo, o chargista vai de encontro, também, ao discurso religioso, pois, ao falar de pré-história, evoca o discurso científico do evolucionismo, em detrimento do discurso do criacionismo. Assim, mais uma vez, o jornal coloca-se numa posição contrária à lógica naturalizada da heteronormatividade, buscando, a partir dessa posição, ressignificar a imagem do sujeito homossexual.

Figura 06 – Imagem publicada na edição número 3 do jornal *Lampião da Esquina* (1978).



Fonte: Portal do Grupo Dignidade⁹

Analisando a figura acima, podemos identificar, através dos recursos não verbais que ela mobiliza, o uso da figura do veado para ilustrar/representar o homossexual, numa operação metafórica. As figuras dos dois caçadores simbolizam uma alternância entre dois discursos da sociedade da época: o discurso da discriminação e da repressão, representado, inclusive, pela arma de fogo como uma forma de extermínio, e o discurso de aceitação do homossexual, evidente no uso do enunciado “Não! Este animal faz parte do equilíbrio da natureza!”.

O jornal utiliza-se do termo veado e do recurso à animalização não para reforçar o preconceito, mas para promover uma afirmação da identidade homossexual, já que a figura do veado é tomada num sentido contrário ao seu uso enquanto forma de opressão, preconceito e discriminação. Assim, procura-se quebrar o discurso segundo o qual a homossexualidade é uma prática transgressora da moral e dos bons costumes da sociedade. Busca-se, portanto, uma reconstrução positiva da identidade homossexual, através da desconstrução do discurso da reprodutividade.

⁹Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>.

Figura 07 – Imagem publicada na edição número 8 do jornal *Lampião da Esquina* (1979).

Gay-Macho: uma nova tragédia americana?



Fonte: Portal do Grupo Dignidade¹⁰

Numa análise da imagem acima, podemos observar que se trata da retomada do imaginário social do período: o uso das palavras “gay” e “macho” alude a duas formas de identidade cuja coexistência, segundo os saberes de uma formação tradicional, seria impossível. O periódico constrói um discurso de resistência a tais saberes, demonstrando que a figura de um gay-macho fogia totalmente dos padrões estabelecidos pela sociedade, que atribuía ao homossexual uma imagem-padrão culturalmente construída: a de afeminado e submisso.

Para o imaginário social, o gay ocupa o lugar do feminino, o lugar da passividade. Enquanto isso, o macho é aquele que deve ocupar o lugar de uma masculinidade dominante e compulsória. Assim, o que o jornal questiona é exatamente a impossibilidade de essas duas figuras existirem em um único sujeito (o gay e o macho). Fazendo isso, o *Lampião* questiona o que Butler (2003) chama de “heterossexualidade compulsória”. O jornal pretendia, então, expor os comportamentos estigmatizados existentes à época, com o objetivo de funcionar como um “espaço de fala” para os homossexuais que se enquadravam nessas expressões de gênero, questionando os papéis masculinos e femininos predominantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período de circulação do *Lampião da Esquina*, entre 1978 e 1981, marcado pela repressão e por discursos autoritários, o periódico procurou contribuir para a desconstrução do imaginário social que havia do homossexual, utilizando como estratégia a adoção de um contradiscurso. Por meio de imagens publicadas em algumas de suas edições,

¹⁰ Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>.

que constituíram o nosso *corpus*, o veículo retomou discursos referentes a uma imagem-padrão do *gay*, deslocando-os e ressignificando-os positivamente.

Nesse movimento, o periódico apropriou-se de discursos preconceituosos e discriminatórios fortemente influenciados pelos saberes de uma formação ideológica religiosa cristã, no intuito de subverter os papéis de gênero e a imagem difundida do homossexual. *Lampião da Esquina* veio, portanto, quebrar os grilhões dessas práticas de discriminação, segregação e preconceito, servindo como espaço de visibilidade para o público homossexual da época, reconstruindo um discurso de igualdade e reivindicando o reordenamento das políticas públicas e o respeito a todas as expressões de gênero. Com isso, ofereceu apoio às minorias, opondo-se às normas impostas por um meio social baseado na lógica da heterossexualidade compulsória.

Com o auxílio das ferramentas teóricas postas à disposição pelo campo da Análise do Discurso, foi possível analisar a construção de uma imagem do sujeito homossexual pelo jornal *Lampião da Esquina*, por meio do conteúdo publicado pelo veículo. O estudo contribuiu para demonstrar como o jornal se constituiu em um importante instrumento na luta da população homossexual e na construção e no desenvolvimento de um movimento social de reivindicação de direitos para essa população.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Muriel Emídio P. do. **Imprensa, mercado e homossexualidade:** movimentos da imprensa homoerótica no Brasil. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, IX, 2012, Londrina. Anais [...]. Londrina, 2012. p. 1068-1093.* Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech12/arqtxt/PDF/murielamaral.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

AMARAL, Muriel Emídio P. do. Reflexões sobre a imprensa homoerótica brasileira: da condição alternativa ao mercado editorial. **Jornal Alcar**, ano 2, n. 11, dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-11/reflexoes-sobre-a-imprensa-homoerotica-brasileira-da-condicao-alternativa-ao-mercado-editorial>. Acesso em: 12 dez. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GREEN, James N. *Além do Carnaval:* a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000b.

GREEN, James N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 15, p. 271-295, 2000a.

IKEDA, Augusto. **Por que o Superman nunca vai vencer o Shazam!**, segundo a DC. *Ei nerd*, São Paulo, 26 jan. 2019. Disponível em: <https://www.einerd.com.br/significado-exclamacao-shazam/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. *In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). Por uma análise automática do discurso:* uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

SAINDO do gueto. **Lampião**, Rio de Janeiro, ano 1, p. 2, abr. 1978.

SIMÕES, Julio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris:** do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. São Paulo: Record, 2000.